

O fim do jornal Diário Popular e os desafios da imprensa local¹

Andreina Possan da Rosa²
Amanda Spohr Demamann³
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

O encerramento do jornal Diário Popular, em junho de 2024, após 133 anos de atuação ininterrupta em Pelotas (RS), ilustra de forma emblemática a crise estrutural que atinge o jornalismo local no Brasil. Fundado em 1890, o veículo era referência na cobertura regional e exercia um papel central na mediação entre população, poder público e memória coletiva. Esta pesquisa qualitativa analisa o fechamento do Diário Popular a partir de entrevistas em profundidade com três ex-funcionários e a diretora do jornal, identificando três eixos principais: dificuldades econômicas, conflitos entre os interesses comerciais e as finalidades sociais do jornalismo, e o impacto da ausência do veículo no desenvolvimento regional. Os depoimentos revelam um processo de fragilização progressiva, marcado pela perda de receitas publicitárias, altos custos operacionais, falta de investimento em inovação e pela ausência de políticas públicas voltadas à sustentabilidade da imprensa regional. A extinção do jornal gerou um sentimento de luto simbólico entre os profissionais e deixou a comunidade desassistida de uma fonte de informação qualificada, agravando a dependência por conteúdos informais e não verificados nas redes sociais. O caso dialoga com tendências apontadas por autores como Sodré (2009) e Van Dijck, Poell e De Waal (2018), que destacam a retração da imprensa regional e os efeitos da plataformização da comunicação sobre os fluxos informacionais. O estudo conclui que o jornalismo de proximidade continua sendo essencial para a democracia, e que sua crise exige respostas urgentes por meio de políticas públicas, estratégias de inovação e maior engajamento comunitário.

Palavras-chave

jornalismo local; imprensa regional; crise da mídia; Diário Popular; desertos de notícias.

Introdução

A crise do jornalismo local brasileiro tem se intensificado nas últimas duas décadas, como reflexo de transformações profundas no modelo de negócios da imprensa, na retração das receitas publicitárias e na dificuldade de adaptação dos jornais ao meio digital. Além desses fatores, o cenário é agravado, segundo Sodré (2009), pela ausência de políticas públicas estruturantes e pela fragilidade histórica do jornalismo regional. Esse contexto reflete não apenas transformações econômicas e tecnológicas, mas também uma

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Espaço e Cidadania, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria, e-mail: andreinarpossan@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, e-mail: amanda.spohr@acad.ufsm.br

mudança profunda na percepção social sobre o papel do jornalismo, especialmente em contextos locais, onde a produção jornalística muitas vezes cumpre uma função comunitária e de prestação de serviços públicos essenciais. Essa crise se manifesta em diversos níveis: econômico, institucional, simbólico e tecnológico, impactando diretamente na qualidade e diversidade da informação disponível às populações mais afastadas dos grandes centros.

Com o avanço da digitalização e da plataformização da comunicação, veículos impressos e de pequeno porte enfrentam desafios estruturais para manter suas operações. A lógica algorítmica das grandes plataformas redefine os fluxos de atenção e financiamento, comprometendo a viabilidade de redações locais, como alertam Van Dijck, Poell e De Waal (2018). Essas transformações afetam tanto os modos de produção quanto os processos de circulação e monetização do conteúdo jornalístico. A centralização da publicidade em plataformas como Google e Facebook, aliada à fragmentação das audiências e à precarização das relações de trabalho jornalístico, gera um cenário de vulnerabilidade para a imprensa regional.

Conforme Van Dijck et al. (2018), a plataformização pode ser entendida como a reorganização das estruturas de produção e distribuição da informação, mediada por plataformas digitais que se apropriam da lógica de intermediação dos fluxos comunicacionais. Isso significa que as redações, antes responsáveis pelo controle sobre suas próprias rotinas de produção e distribuição, passam a depender de ambientes externos que priorizam a lógica da viralização e da monetização algorítmica. Essa lógica, por sua vez, desestimula a produção de conteúdo aprofundado e voltado para as realidades locais, favorecendo pautas de alcance massivo e apelo superficial.

A crise do jornalismo local também pode ser interpretada como uma crise de mediação. Segundo Reginato (2016), o jornalismo cumpre funções sociais que extrapolam a simples transmissão de informações: ele organiza sentidos, seleciona relevâncias e atua como espaço de representação simbólica. Ao perder o protagonismo nesse processo de mediação – hoje dominado por algoritmos e plataformas – os jornais locais deixam de cumprir sua função estruturante na vida coletiva. A ausência de um olhar contextualizado sobre os eventos locais, substituído por fluxos informativos fragmentados e descontextualizados, aprofunda o distanciamento entre o cidadão e os processos políticos e sociais de sua comunidade.

Essa conjuntura afeta diretamente os veículos regionais, que cumprem papel essencial para o fortalecimento democrático (Camponez, 2002), porque o jornalismo de proximidade desempenha uma função estruturante na construção da cidadania, ao favorecer o envolvimento da comunidade nas decisões locais e promover a circulação de informações com relevância pública. A ausência desse tipo de jornalismo compromete a transparência da gestão pública, dificulta a fiscalização de autoridades e enfraquece os laços entre cidadãos e instituições democráticas. Em cidades de médio porte como Pelotas, no Rio Grande do Sul, o jornalismo de proximidade é uma das principais formas de mediação entre a população e os poderes instituídos. A cobertura cotidiana de temas como saúde, educação, segurança pública, mobilidade urbana, política local e cultura regional tem impacto direto na vida dos cidadãos.

Como aponta Camponez (2002), o jornalismo de proximidade deve ser entendido como um espaço privilegiado de construção da cidadania e de coesão social. O contato direto com as realidades locais permite ao jornalismo desenvolver narrativas mais sensíveis às especificidades culturais, políticas e econômicas das comunidades. Sem esse tipo de cobertura, as informações perdem densidade interpretativa, e a sociedade fica mais vulnerável à desinformação e à manipulação. O jornal local, portanto, não é apenas um veículo de notícias, mas também uma arena onde se constroem sentidos compartilhados e se articula o sentimento de pertencimento.

Nesse sentido, os jornais locais são importantes não apenas como fornecedores de informação, mas também como espaços de memória, identidade, crítica e mobilização social. Como destaca Camponez (2002), a proximidade territorial e simbólica entre os veículos e o público possibilita um jornalismo mais atento às demandas da sociedade, mais aberto à escuta e mais comprometido com o interesse público.

O fechamento de um veículo como o Diário Popular, que por 133 anos foi referência em jornalismo regional no sul do Rio Grande do Sul, sendo o mais antigo do Estado gaúcho e o terceiro mais antigo do Brasil, representa um episódio emblemático dentro da crise do jornalismo local no Brasil. Fundado em 1890, o jornal acompanhou transformações políticas, sociais e culturais do país, mantendo ao longo das décadas um compromisso com a cobertura dos acontecimentos locais e com a valorização da história e da identidade da cidade de Pelotas. Sua extinção, em junho de 2024, não pode ser compreendida apenas como uma falência empresarial, mas como a interrupção de um ciclo de mediação pública e de prestação de serviços essenciais à cidadania.

A trajetória do jornal expressa a relevância da imprensa regional na formação da memória coletiva, na democratização da informação e no estímulo ao debate público. Com sua extinção, não apenas se perde uma fonte de informação qualificada, mas se rompe um elo simbólico com a história local, afetando o senso de pertencimento da comunidade.

Neste cenário, torna-se urgente compreender os fatores que levaram ao encerramento do veículo e os impactos gerados por essa ausência para a cidade e para os profissionais que atuaram na redação. A presente pesquisa busca justamente dar visibilidade às percepções desses jornalistas, compreendendo o fechamento do Diário Popular não apenas como consequência de transformações tecnológicas e econômicas, mas como processo marcado por sentidos, memórias e disputas simbólicas, visto que o jornal foi um dos mais antigos jornais em atividade no Brasil, com papel consolidado na cobertura de temas locais, regionais e estaduais. Seu fim representa, simbolicamente, a crise do jornalismo impresso e local, e, na prática, um marco no processo de desertificação informativa da região sul do Rio Grande do Sul.

Metodologia

A metodologia adotada nesta pesquisa é qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, apropriada para compreender os significados atribuídos pelos sujeitos aos eventos que vivenciaram (Duarte, 2009). A abordagem qualitativa permite explorar dimensões simbólicas, subjetivas e contextuais do objeto de estudo, ampliando a compreensão da crise do jornalismo local a partir da experiência de profissionais diretamente afetados. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas em profundidade, utilizando roteiro semiestruturado, com abertura para que os entrevistados desenvolvessem livremente seus relatos. As entrevistas foram conduzidas remotamente, por videoconferência, entre os meses de fevereiro e março de 2024, e tiveram duração média de uma hora cada. Todas foram autorizadas, gravadas e posteriormente transcritas na íntegra.

A amostra de participantes foi selecionada de forma intencional, considerando a experiência profissional no jornal Diário Popular, a diversidade de cargos ocupados e o vínculo direto com o processo de encerramento das atividades. Foram entrevistados três funcionários e a diretora executiva do jornal, compondo um grupo representativo das diferentes perspectivas que permeavam a gestão e a redação. Essa pluralidade de olhares

permitiu construir uma visão mais abrangente dos desafios enfrentados e das percepções em torno do fechamento do veículo.

Dois destes funcionários entrevistados eram jornalistas e trabalhavam no local no momento do fechamento da empresa: o editor-chefe, Lucas Kurz, e a jornalista e repórter Ana Cláudia Dias. Lucas, que trabalhou como estagiário, repórter e coordenador no jornal, era editor-chefe quando a empresa fechou. Ana Cláudia trabalhou no jornal por quase 30 anos. Além deles, a diagramadora Karen Ruzicki participou das entrevistas para o presente trabalho. Ela, entretanto, não estava mais no local quando a falência foi decretada. Karen esteve no jornal por cerca de 29 anos e foi demitida em 2020, por motivos financeiros.

A análise dos dados foi orientada pela técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), aplicada no desenvolvimento das entrevistas, realizadas de forma semiestruturada (Duarte, 2009). A codificação seguiu um procedimento indutivo, a partir da identificação de temas recorrentes e de sentidos compartilhados entre os depoentes. Foram estabelecidas três categorias principais para a análise e categorização das entrevistas: (1) dificuldades econômicas; (2) diferenças entre interesses comerciais e sociais; e (3) desenvolvimento regional. Cada uma dessas categorias foi desdobrada em subcategorias conforme os elementos recorrentes nos relatos, permitindo mapear padrões de sentido e identificar elementos estruturantes da narrativa dos entrevistados.

A categoria “dificuldades econômicas” evidenciou a fragilidade financeira crescente do Diário Popular, causada pela perda de receita publicitária, pela manutenção de uma estrutura física onerosa e pela incapacidade de competir em igualdade com plataformas digitais. Os entrevistados relataram, por exemplo, que empresas locais deixaram de anunciar no jornal impresso para investir em redes sociais, atraídas pelos preços mais baixos e pela promessa de segmentação algorítmica de públicos. Esse movimento é confirmado por Van Dijck, Poell e De Waal (2018), ao apontarem que as plataformas digitais reconfiguram o mercado da atenção e centralizam os fluxos de publicidade em ambientes controlados por grandes corporações.

A segunda categoria, “diferenças entre interesses comerciais e sociais”, foi analisada à luz do conceito de finalidades do jornalismo desenvolvido por Reginato (2016). A autora destaca que a prática jornalística cumpre múltiplas funções sociais, como informar, fiscalizar, formar opinião, promover debates e registrar a memória coletiva, que

muitas vezes entram em conflito com a lógica de rentabilidade exigida por empresas privadas. No caso do Diário Popular, os entrevistados indicaram que decisões empresariais passaram a ignorar essas funções, priorizando cortes de pessoal e redução de conteúdo como forma de manter o funcionamento básico do jornal, o que afetou diretamente a qualidade editorial e o vínculo com a comunidade.

A terceira categoria, “desenvolvimento regional”, discutiu como o jornal acompanhava e refletia o crescimento de Pelotas e região ao longo das décadas. O Diário Popular era citado como um observador atento das transformações da cidade, acompanhando o desenvolvimento urbano, o crescimento universitário e o debate político local. A perda desse canal informativo foi percebida pelos entrevistados como um retrocesso, pois compromete o registro da história local, a visibilidade de pautas específicas da região e o fortalecimento da identidade cultural. Essa percepção dialoga com Camponez (2002), para quem o jornalismo de proximidade atua como espaço de construção comunitária e de reforço da coesão social.

Fundamentação teórica

Os dados coletados revelam que o fechamento do jornal foi percebido pelos profissionais como o desfecho de um processo longo de fragilização institucional, interna e externamente. Os relatos apontam que a redução contínua da equipe de redação, o envelhecimento dos equipamentos e a centralização de decisões administrativas que desconsideravam as especificidades do jornalismo local foram determinantes para o fechamento do jornal. Os jornalistas não apontam o advento da internet como um fator decisivo para o declínio do jornal. Inclusive, relatam que os novos meios de comunicação facilitaram os processos dentro da redação, mas indicaram que a falta de um plano estratégico de transição para o meio digital e a ausência de investimentos em inovação, tanto fisicamente quanto profissionalizante, contribuíram decisivamente para a queda de relevância do veículo.

Para os profissionais que atuaram no Diário Popular, o fechamento simbolizou o fim de uma era. Relatos emocionados marcaram a percepção de perda coletiva e de desmonte de uma instituição centenária. A dimensão afetiva foi recorrente nas entrevistas, com falas que destacaram o orgulho de fazer parte da história do jornal, a tristeza com a descontinuidade e o sentimento de orfandade informativa que se instaurou na cidade.

Os entrevistados relataram sentimentos de frustração, luto simbólico e esvaziamento profissional, e observaram, após o fechamento do jornal, que a comunidade também sentiu os impactos da decisão. Para muitos, o Diário Popular não era apenas um local de trabalho, mas parte da história pessoal e da identidade profissional construída ao longo de anos. Havia o reconhecimento do papel do jornal como espaço de formação, de resistência e de mediação entre diferentes vozes da cidade. No momento do fechamento, o jornal era o único da cidade e, embora de forma muito reduzida, tinha assinantes do impresso em diferentes localidades do município. O fechamento, nesse sentido, significou uma perda irreparável para a distribuição de informação mas, também, para o campo afetivo e simbólico da região sul do Estado gaúcho.

A ausência de veículos como o Diário Popular evidencia aquilo que Abernathy (2018) conceitua como “deserto de notícias”: regiões geográficas nas quais há pouca ou nenhuma produção jornalística regular. Esses desertos informativos afetam de forma mais intensa populações afastadas dos grandes centros, que já enfrentam desigualdades de acesso à informação. Com isso, temas fundamentais como políticas públicas locais, saúde, educação e mobilidade deixam de ser discutidos com profundidade, gerando um vácuo que tende a ser preenchido por conteúdos sensacionalistas ou não verificados, frequentemente compartilhados nas redes sociais sem qualquer critério de apuração.

Na dimensão prática, observou-se uma desorganização no ecossistema informativo local. A ausência de cobertura diária dos acontecimentos, de editoriais que contextualizassem decisões políticas e de reportagens que dessem voz a diferentes segmentos sociais abriu espaço para a proliferação de conteúdos não jornalísticos, com baixa verificação e alta circulação nas redes sociais. Esse cenário confirma os alertas de Abernathy (2018) sobre o impacto do fechamento de jornais locais na qualidade da informação disponível à população. Quando não há presença regular da imprensa, há maior risco de desinformação, de manipulação do debate público e de enfraquecimento dos mecanismos de controle social.

Isso pode ser observado na dimensão comunitária da pesquisa. O fim do Diário Popular comprometeu o acesso a informações confiáveis sobre a cidade, reduziu a visibilidade de pautas regionais e locais, e agravou o sentimento de abandono informativo por parte da população. Os jornalistas apontaram que, após o fechamento do jornal, cresceu a dependência de conteúdos informais, difundidos por meio das redes sociais, como páginas ou blogs de notícias, que não têm, necessariamente, compromisso com a

apuração e a verificação dos fatos. Temas como cultura local, fiscalizações municipais, editoriais críticos e investigações perderam espaço no debate público.

A experiência do Diário Popular evidencia como a falta de políticas públicas de incentivo compromete a sustentabilidade de veículos com relevância histórica e social. Mesmo com mais de um século de atuação, o jornal não contou com apoio financeiro ou técnico que possibilitasse uma transição sustentável para o ambiente digital. Como discutido por Christofolletti (2019), a sustentabilidade da imprensa depende não apenas da capacidade de adaptação tecnológica, mas também de um ecossistema que reconheça seu valor público. Sem esse reconhecimento, veículos históricos ficam à mercê de um mercado que, cada vez mais, prioriza a lógica do lucro em detrimento do interesse público.

Esse esvaziamento das redações locais também tem impactos sobre a memória coletiva. O jornalismo, ao registrar os acontecimentos cotidianos, contribui para a construção da história de uma cidade. O fechamento do Diário Popular não significou apenas o encerramento de uma empresa, mas o rompimento de uma linha contínua de registro dos fatos sociais, políticos e culturais da região sul do Estado. Essa lacuna na documentação da história local enfraquece a capacidade das futuras gerações de compreender o passado e compromete a preservação da identidade regional. Essa função memorial do jornalismo, como destaca Reginato (2020), deve ser considerada estratégica, especialmente em contextos nos quais as narrativas locais competem com fluxos informacionais globais e muitas vezes descontextualizados.

Considerações finais

As considerações finais da pesquisa, formuladas a partir do referencial teórico e dos dados coletados por meio das entrevistas, reforçam a ideia de que o jornalismo local continua sendo um pilar essencial para o funcionamento das democracias, especialmente em contextos geográficos afastados de grandes centros urbanos. Essa importância se dá em diferentes níveis. O primeiro em um contexto comunicacional, em que o jornalismo cumpre sua função primordial, de informar de maneira qualificada, mas está presente também em níveis como o identitário, em que se cria, através das pautas, das demandas da audiência e do vínculo com o público, uma identidade local. A experiência do Diário Popular evidencia que, sem políticas públicas de fomento, sem incentivos à inovação e

sem o engajamento da sociedade civil, o jornalismo regional corre o risco de desaparecer em definitivo.

A perda do jornal, portanto, não é apenas um fato isolado, mas parte de um processo mais amplo e complexo, que exige respostas estruturais e urgentes. Na dimensão informacional, o encerramento de jornais locais como o Diário Popular também representa uma perda de diversidade de fontes e de olhares. Em um cenário no qual os fluxos de informação são cada vez mais mediados por algoritmos e influenciadores, o jornalismo local ainda representa um esforço de apuração direta, com base em fontes primárias e no conhecimento de campo. A substituição dessa cobertura por conteúdos replicados ou gerados de forma automatizada gera empobrecimento informativo e fragiliza a qualidade do debate público. Como argumentam Tandoc e Thomas (2017), o engajamento digital nem sempre se traduz em valor jornalístico, e o conteúdo mais visível nem sempre é o mais relevante para a comunidade.

Christofoletti (2019) destaca que, para além das inovações tecnológicas, a sustentabilidade do jornalismo depende de um ecossistema que compreenda o valor público da informação. Isso implica pensar em modelos que não estejam submetidos unicamente à lógica de mercado, mas que contem com a participação do Estado e da sociedade civil na proteção do jornalismo local como patrimônio imaterial e instrumento democrático. A experiência do Diário Popular, que resistiu por mais de um século sem apoio de políticas públicas efetivas, revela a urgência de uma discussão estrutural sobre o futuro da imprensa regional no Brasil.

O estudo também sugere que a memória dos veículos locais deve ser preservada como patrimônio imaterial das comunidades. A documentação de trajetórias como a do Diário Popular, que esteve presente por mais de 100 anos na comunidade gaúcha e que apresentou e relatou diversos acontecimentos históricos, contribui para compreender as transformações do jornalismo e suas consequências sociais. Além disso, reforça a importância de repensar modelos de negócios mais colaborativos, sustentáveis e conectados às necessidades das populações locais. Por fim, destaca-se a relevância do jornalismo de proximidade como espaço de escuta, de mobilização e de cidadania ativa, principalmente em um mundo hiperconectado e globalizado. É necessário refletir sobre alternativas viáveis para o futuro do jornalismo local. A construção de ecossistemas informativos mais resilientes e conectados com suas comunidades passa por uma

rediscussão sobre o papel do jornalismo na contemporaneidade e sobre os mecanismos de sua proteção.

Referências

ABERNATHY, Penelope M. **The expanding news desert**. University of North Carolina Press, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade e democracia**. Coimbra: Minerva, 2002.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Sustentabilidade do jornalismo e seu valor público**. In: Revista Brasileira de Jornalismo, n. 2, v. 1, 2019.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Ana. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2009.

REGINATO, Gisele. **A relevância jornalística como valor social**. Florianópolis: Insular, 2020.

REGINATO, Gisele. **As finalidades do jornalismo: uma proposta de sistematização**. In: Anais do 39º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2016.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **A cultura da conectividade**. São Paulo: Paulus, 2018.